

Universidade Estadual do Vale do Acaraú

Curso de Pedagogia

Antônia Keulis de Freitas

Antônio Agnevan Ribeiro

Marcos Gomes de Sousa

Maria Joicimar Ribeiro

A INFLUÊNCIA DAS DROGAS NO ÂMBITO ESCOLAR

Jijoca de Jericoacoara – 2014

Antônia Keulis de Freitas

Antônio Agnevan Ribeiro

Marcos Gomes de Sousa

Maria Joicimar Ribeiro

A INFLUÊNCIA DAS DROGAS NO ÂMBITO ESCOLAR

Artigo apresentado ao
Instituto de Pesquisa do Vale do
Acará – IVA para obtenção de
nota na disciplina Metodologia do
Trabalho Científico – MTC.

Orientador: Prof. Esp. Moisés Bastos Sales Neto

Jijoca de Jericoacoara - 2014

A INFLUÊNCIA DAS DROGAS NO ÂMBITO ESCOLAR

Antônia Keulis de Freitas¹

Antônio Agnevan Ribeiro²

Marcos Gomes de Sousa³

Maria Joicimar Ribeiro⁴

Moisés Bastos Sales Neto⁵

RESUMO

O estudo baseou-se na influência das drogas, no âmbito escolar, em que a pesquisa teve como finalidade descobrir os pontos mais fortes que a droga pode causar na vida dos estudantes, e qual os métodos que a escola está providenciando para tentar incluir o tema na rotina dos seus alunos. Foram colocados os seguintes temas: 1 Definição de drogas; 2 Classificação e efeito das drogas; 3 Depoimentos de ex-usuários; 4 Depoimentos de professores e coordenadores. A pesquisa foi realizada com professores e coordenadores do Ensino Médio, na escola José Teixeira de Albuquerque, que pertence à rede estadual do Ceará, que situa-se na rua Marçal de Sousa, no município de Jijoca de Jericoacoara. A pesquisa constatou que 68,3% dos estudantes já experimentaram algum tipo de droga. Percebeu-se ainda a dificuldade dos professores e coordenadores em lidar com essa situação, sendo notório por parte dos profissionais um despreparo técnico, da escola material/pedagógico. Lembrando ainda o descaso preocupante dos familiares dos mesmos, necessitando assim claramente a extrema necessidade de um acordo escola/família/alunos, onde poderá proporcionar uma melhor de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Drogas. Influência. Escola.

-
1. ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO INSTITUTO VALE DO ACARAÚ - IVA
 2. ALUNO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO INSTITUTO VALE DO ACARAÚ – IVA
 3. ALUNO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO INSTITUTO VALE DO ACARAÚ – IVA
 4. ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA DO INSTITUTO VALE DO ACARAÚ - IVA
 5. PROF. ESP. DO INSTITUTO VALE DO ACARAÚ – IVA (ORIENTADOR)

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o intuito de mostrar a influência das drogas no âmbito escolar. Sabendo que a palavra “Drogas” torna-se um assunto pouco debatido na sociedade, a escola também procura fazer sua parte, levando-se em consideração que o jovem estudante não se pode deixar levar pela curiosidade de experimentar tal produto.

Observa-se que um dos maiores desafios da área educacional é o combate do uso de entorpecentes por determinados alunos, um problema sério, onde muitos deixam de estudar por se viciar, e/ou na maioria dos casos entram em atrito com professores.

A Legislação Brasileira prescreve, “é preciso que existam regras de convivência, para estabelecer os direitos e deveres de cada um, regras estas que estão na Constituição Federal e nas Leis”.

O motivo pelo qual nos levou a desenvolver o presente artigo é o fato de as “DROGAS” serem decisivas negativamente no processo de formação escolar, principalmente em meio à juventude. Preocupando-se também em mostrar o futuro de jovens que desistem da escola por motivo de dependência química, percebendo-se o desinteresse e a constante ausência em sala de aula.

Para tanto, é preciso que haja uma parceria entre família e escola, formando assim uma instituição de ensino capaz de transmitir informações e obter uma interação maior com jovens educandos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No processo educativo dos adolescentes é indispensável a mobilização entre educadores e alunos, é necessário debater sobre o assunto, incentivar os mesmos a adquirirem mais informações em relação ao caso. É fundamental para o desenvolvimento de ambas as partes que todos repensem sobre o tema, de forma que todos trabalhem juntos e criem uma rotina favorável. Para isso dividimos nossa pesquisa nas seguintes temáticas: 1. Definição de Drogas; 2. Classificação e efeitos das Drogas; 3. Depoimentos de ex- usuários; 4. Depoimentos de coordenadores e professores.

2.1 Definição de drogas

Significa qualquer substância química que altera a percepção, consciência e emoções de um ser vivo, sejam elas lícitas ou ilícitas. Essas variações dependem do tipo de droga

consumida, da quantidade utilizada, das características de quem as ingerem e até mesmo das expectativas sobre os seus efeitos. O termo vem da palavra *droog* (holandês antigo), que significa folha seca, porque antigamente quase todos os medicamentos eram feitos a base de vegetais.

Segundo Vargas (1998): pode-se encontrar no cenário social a sobreposição de uma racionalidade dominante técnico-científica presente nos modelos de atenção à saúde, a outras racionalidades onde a droga é vista como um mal em si. Tal fato contribui para a descontextualização das diferentes modalidades de uso e de usuários. Parece prevalecer a condenação moral sobre o consumo de determinadas substâncias. Assim, cabe reconhecer a necessidade de se avançar na construção de modelos alternativos de intervenção relacionados ao uso de drogas, cujas concepções se contraponham à visão preconceituosa, alarmista e repressora do fenômeno centrado no discurso anti – droga.

De acordo com esse artigo, os programas voltados para o combate do uso de drogas devem melhorar e alcançar um percentual maior. Com a ajuda da população e a perspectiva dos governos teríamos que procurar encontrar um meio de combate.

2.2 Classificação e efeitos das drogas

As drogas são classificadas em lícitas e ilícitas. Sendo as lícitas permitidas por lei como: cigarro e álcool (as mais consumidas no Brasil e no mundo). As ilícitas são proibidas como: crack, maconha e outros. Assim essas drogas provocam vários tipos de usuários(as), os que somente fazem uso, o que faz uso nocivo e o dependente. Quem faz uso é aquela que utiliza qualquer substância (experimental ou periodicamente). O abuso ou uso nocivo se dar quando o consumo de substâncias já associado à algum prejuízo, seja ele em termos psicológicos ou sociais. (Saúde e Prevenção nas Escolas, V.5, Brasília – DF, 2011).

Para Mac Era, 2001 (Ana Regina Noto e Eroy Aparecida da Silva, 2002, p.92): No entanto, com a industrialização, o surgimento da farmacologia, o isolamento de princípios ativos de plantas, como a morfina e a cocaína, as formas de uso de substâncias psicoativas foram sendo ampliadas. Foi iniciada uma forte busca por medicamentos capazes de diminuir os vários tipos de sofrimentos físicos e psíquicos. Muitos artistas também passaram a usar drogas, como fonte de inspiração de suas criações.

Neste contexto o consumo de drogas passou a ocupar muitas novas funções: como a busca de prazeres; o alívio de desconfortos; e a tentativa de popularidade. No entanto a droga começou a ganhar espaço principalmente na população jovem, que representa um alvo bastante preocupante, pois esta faixa etária é a mais vulnerável. O fácil acesso também é um ponto a ser destacado, já que faz com que muitos deles se envolvam de forma precoce, num ciclo que na maioria das vezes inicia-se pelas lícitas e rapidamente avançam, imobilizando seu desenvolvimento educacional.

2.3 Depoimentos de ex-usuários

Para FELIPE, 18 anos, Aluno da 8ª série (DÉBORA DIDONÊ e RÚBIA MUTTINI, 2007, p. 35): Eu tinha 12 anos quando fumei maconha pela primeira vez com os amigos da rua. Não gostei, mas aqui, na favela, é como uma febre, em qualquer esquina tem. Eu fumava até no terraço da escola. Para comprar, comecei a roubar uns gringos em Copacabana. No primeiro assalto, consegui 500 reais. Com tanto dinheiro, para que estudar? Tinha 15 anos quando voltei a estudar por pressão da família. Não durou. Fui preso várias vezes e, na última, no fim do ano passado, decidi me matricular no colégio de novo. Na época, eu era casado, minha mulher perdeu o bebê e minha mãe teve um problema no coração – tudo por minha causa. Não quero mais entristecer a família. Desde fevereiro não roubo, mas ainda sinto vontade de fumar quando penso que preciso de emprego.

A realidade é que a escola nem sempre terá uma formação específica para trabalhar esse assunto com seus alunos. O seu papel será procurar ficar por dentro do assunto para uma melhor aprendizagem, criando oportunidades de debates para uma melhor compreensão do tema.

Para RITA, 17 anos (KARLA CAMILA, REPÓRTER, 2012, p. 06): “Quando eu era criança tinha o sonho de ser advogada, mas, depois do crack, parei de estudar e durmo na rua”.

A falta de carinho, amor, atenção e informação sempre podem levar uma pessoa a cair num mundo sem sentido. O papel da escola juntamente com a sociedade pode mostrar para seus alunos os diversos caminhos, e proporcionar aos mesmos, as informações necessárias para ajudá-los escolher um melhor futuro.

2.4 Depoimentos de coordenadores e professores

Segundo MARIA, 45 anos, DIRETORA DA ESCOLA PÚBLICA (DÉBORA DIDONÊ e RÚBIA MUTTINI, 2007, p.37). Já vi alunos e professores usarem drogas na escola. A boca é que em frente. Este bairro é marcado pelo narcotráfico e pela violência. Velei alunos que foram assassinados e aprendi a lidar com usuários que invadem o pátio. As primeiras conversas que tive terminaram em ameaças, mas não desisti. Subi o morro para explicar o papel da escola diretamente aos traficantes –afinal, os filhos deles também estudam aqui – e até hoje resolvo os meus problemas com eles. Pedi até para protegerem os professores, muitas vezes assaltados na saída do morro. Trabalho das 7 da manhã às 10 da noite e aconselho os alunos envolvidos com tráfico. Não vejo saída a não ser conversar. Muitos são filhos de pais usuários ou procurados pela polícia e crescem vendo o tráfico como uma alternativa de futuro.

O assunto em debate é muito delicado porque envolve as pessoas em geral. Ensinar e educar os nossos alunos a não se envolver com esse mundo é muito difícil e complicado, porém, a colaboração da família é essencial e muito importante para formação de verdadeiros cidadãos.

Para ELIANE, 42 anos, PROFESSORA DA REDE PÚBLICA (DÉBORA DIDONÊ e RÚBIA MUTTINI, 2007, p.38). Um dia, entrei na classe e percebi que minhas alunas estavam bêbadas. Era aula de reforço para uma turma de 8ª série e um grupo de meninas estava alterado. Elas riam, falavam alto e não entendiam os meus pedidos de silêncio. Ao me aproximar, senti cheiro de bebida. Elas tinham uma garrafa de refrigerante misturada com álcool. Como não me ouviam, chamei a inspetora. Depois de uma conversa com a diretora e os pais, ficou decidido que seriam suspensas por dois dias. Isso foi no ano passado. Neste ano, soube que uma jovem da 7ª série, de 13 anos, estava fumando no banheiro e chamei-a, para uma conversa. Os pais e a equipe escolar tendem a ignorar os problemas com álcool e fumo, mas drogas não são só maconha e crack.

A falta de conhecimento e descaso com o assunto influencia muito para a formação de um viciado. Deve partir de todos numa forma de ensino que possa favorecer principalmente os adolescentes e incentivar a viver de forma que seus prazeres não sejam compensados apenas em uma “fumaça de cigarro ou copo de cachaça”.

Percebe-se a dificuldade que os pais e a escola têm em discipliná-los. Sendo muitas vezes nítido o desinteresse das partes diretamente e indiretamente envolvidas, por isso é preciso que entrem num processo de acompanhamento desde cedo, onde é fundamental um acordo entre família e escola.

3 METODOLOGIA

A pesquisa procurou descrever a forma com que a escola José Teixeira de Albuquerque, pertencente à rede estadual de Ensino Médio do Estado do Ceará, situada na rua Marçal de Sousa, em Jijoca de Jericoacoara. A mesma foi realizada com professores, coordenadores e alunos, além de pesquisas obtidas na internet, em artigos de jornais, revistas e livros de autores renomados na devida área.

A pesquisa foi elaborada nos dias 05 e 07 de março de 2013, buscando descobrir a realidade entre “drogas e a escola”. Procurou também visar como os professores debatem o polêmico assunto em sala de aula, e se as informações passadas por eles os influenciam de alguma forma.

No entanto, foi aplicado um questionário para os educandos, com o público alvo de 60 (sessenta) entrevistados com faixa etária de 15 a 20 anos, com intuito de averiguar e obter um percentual do número de alunos envolvidos com os entorpecentes, e o ponto de vista dos mesmos em relação ao assunto.

4 ANÁLISE DE DADOS

De acordo com a pesquisa 68,3% dos estudantes já experimentaram determinados tipos de drogas (lícitas e/ou ilícitas).

Segundo os coordenadores a aprendizagem de uma maneira geral é bastante comprometida. Sendo notório e crescente o número de desistentes pela influência das drogas, havendo muitas reclamações por parte dos familiares, professores e colegas, que são indiretamente e diretamente afetados.

Na visão dos professores torna-se um pouco difícil incluir o assunto em sala de aula, pois não há um planejamento lógico para encaixá-lo em suas devidas disciplinas. Mesmo assim muitas vezes ainda há uma interação entre educadores e educandos.

Um dos maiores relatos dos pesquisados é a ausência de pais no acompanhamento educacional do filho. Segundo os mesmos é dever da família ter maior contato com a escola, participar de reuniões entre professores, pais e alunos, assim não “jogar” toda responsabilidade apenas para a educação escolar.

Tabela 01: Tipos de drogas experimentadas pelos estudantes

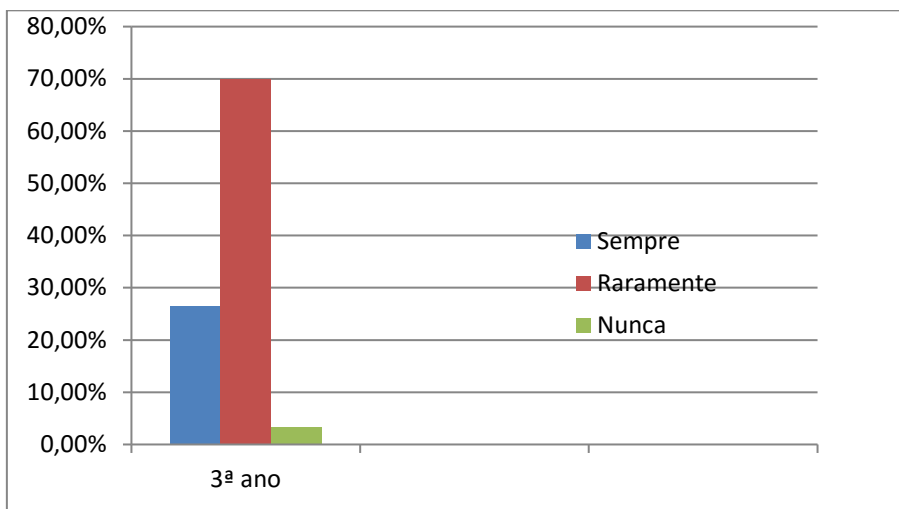
DROGAS	SIM	NÃO
Álcool	70%	30%
Tabaco	25%	75%
Maconha	11,6%	88,4%
Crack	3,3%	96,7%
Outros	3,3%	96,7%

Fonte: Questionário aplicado na Escola José Teixeira de Albuquerque

Analisando a tabela percebe-se que na escola cuja pesquisa foi realizada o tipo de droga mais usada pelos estudantes são as lícitas, um ponto negativo e preocupante.

O que chamou atenção foi a quantidade de alunos que experimentaram outros tipos de substâncias impostas pela pesquisa, felizmente encontramos um número bem menor em comparação ao cenário nacional.

Gráfico 01: Com que freqüência o assunto “drogas” é debatido em sala de aula

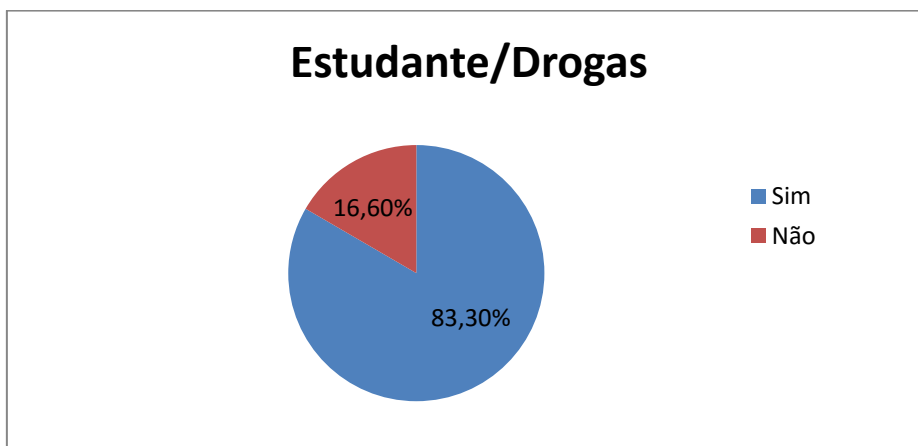


Fonte: Questionário aplicado na Escola José Teixeira de Albuquerque

O gráfico mostra uma pequena quantidade de alunos que afirmam o quanto o assunto “drogas” é debatido em sala, pois apenas 26,6% dos entrevistados responderam que se trabalha sempre este tema na escola. Este número nos surpreende, pois esperávamos um percentual maior, até porque a escola deve procurar realizar campanhas e palestras contra o uso de entorpecentes.

Felizmente verificou-se que a minoria (3%) ainda não debateu esse assunto em sala de aula. Ainda que esse número seja pequeno, serve de alerta para a coordenação, professores e responsáveis pelo ensino.

Gráfico 02: Você conhece algum colega que use ou já usou qualquer tipo de droga?



Fonte: Questionário aplicado na Escola José Teixeira de Albuquerque

Há um dado muito preocupante, pois se observa que 83,3% dos questionados responderam que conhecem colegas (estudantes) que usaram ou usam algum tipo de droga.

Após a pesquisa realizada, percebemos ausência constante em sala de aula, levando a um elevado número de desistentes, proporcionando a um mau desempenho nas disciplinas aplicadas pelos professores. Porém estas são as conseqüentes causas do uso drogas por parte dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para reverter esse quadro é preciso valorizar e capacitar educadores para abordarem o tema com mais conhecimento. Promover campanhas que tenham como objetivo unir escola e aluno, através de meios de comunicação, testemunhos, entretenimentos direcionados ao assunto e outras formas que busque a atenção dos jovens.

Construir instituições de recuperação onde possam ter acompanhamento pedagógico, psicológico e familiar. Dessa forma, uma parceria entre família, escola e educandos, poderá trazer resultados benéficos a sociedade em geral.

Aplicar formas dinâmicas de debater o tema em sala de aula, já que o assunto é muito delicado e tem a necessidade de ser incluído em alguma disciplina para melhor conhecimento dos alunos, trabalhando o preconceito que muitas vezes afeta o relacionamento entre usuários e não – usuários, onde é fundamental limitar os direitos e deveres de cada parte em função de uma melhoria.

Levando dessa forma a uma melhor compreensão do assunto e um maior aproveitamento de idéias, todos podem vir a ter o raciocínio ideal para uma sociedade voltada ao desenvolvimento educacional, familiar e pessoal dos mesmos. Proporcionando laços duradouros e freqüentes em prol principalmente dos estudantes que por um grande período de tempo foram dependentes dos entorpecentes.

Por fim, implantando-se soluções cabíveis e proporcionais, poderemos desempenhar o papel de educadores com maior eficiência e capacidade na resolução deste problema.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMILA, Karla. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 01 de outubro de 2012. p 06.

DIDONÊ, Débora. MUTTINI, Rúbia. **Drogas. Só a escola não quer ver.** In:205. Nova Escola, Moderna, 2007.p 34.

LOURDES, Maria JeferryContini. HELENA, Sílvia Koller. NASCIMENTO, Monalisa dos Santos Barros. **Adolescência e psicologia**, Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p 92.

REBELLO, Sandra. MONTEIRO Simone. VARGAS, Eliane.http : // www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/06.pdf. 06 de março de 2013.

SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS.**Álcool e outras drogas**, Brasília – DF: v.5, 2011, p.24-49.